

Das Ende ist der Anfang und der Anfang ist das Ende¹: arquitetura da imigração alemã no Rio Grande do Sul sob a ótica da recomposição de edificações enxaimel Fachwerk

Das Ende ist der Anfang und der Anfang ist das Ende: architecture of German immigration in RS from the perspective of the recomposition of half-timbered buildings Fachwerk

Cláudia Ledur*, Anna Paula Canez**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, claudiainesledur@hotmail.com

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, annapaulacanez@yahoo.com.br

usjt
arq.urb

número 40 | abr - dez de 2025

Recebido: 28/07/2024

Aceito: 04/04/2025

DOI: [10.37916/arq.urb.vi40.753](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi40.753)



Palavras-chave:

Arquitetura popular da imigração alemã na Região das Missões RS. Parques temáticos. Recomposição enxaimel Fachwerk.

Keywords:

Popular architecture of German immigration in the Missões RS Region. Thematic parks. Fachwerk half-timbered restoration.

Resumo

O presente artigo busca notabilizar uma arquitetura frequentemente desconhecida dentro da região missioneira do Rio Grande do Sul (correntemente associada apenas às Reduções Jesuítico-Guaranis): a arquitetura popular da imigração alemã. Ademais, pretende refletir acerca de um processo que tem proliferado pelo Estado, especialmente nos chamados *parques temáticos*: os translados e recomposições de construções enxaimel Fachwerk, a técnica construtiva mais utilizada pelos imigrantes. Esse processo, que muitas vezes visa à preservação daquele patrimônio material, implica, contudo, o rompimento da relação arquitetura-lugar, o que torna tais espaços turístico-culturais alvos de críticas pelos preservacionistas. Por outro lado, ao investigar as origens deste modo de construir, percebe-se que a possibilidade de desmontagem e remontagem faz parte do princípio elementar do enxaimel, que vem sendo explorada há séculos. Assim, este estudo de caráter qualitativo, de cunho bibliográfico e documental, busca promover essa arquitetura vernácula, enquanto valoriza sua memória e seu patrimônio, além de tensionar o processo de translocação dessa técnica construtiva, ainda pouco investigado. Permite concluir que translados são recomendados como operações excepcionais, priorizando-se a salvaguarda do bem em seu sítio original. Se, porém, de fato for inviável, a manutenção de sua significância cultural, bem como a documentação de todo o processo e o rigor metodológico, devem ser priorizados.

Abstract

This article seeks to highlight an architecture that is often unknown within the missionary region of Rio Grande do Sul (currently associated only with the Jesuit-Guarani Reductions): the popular architecture of German immigration. Furthermore, it intends to reflect on a process that has proliferated throughout the State, especially in so-called theme parks: the relocation and recomposition of Fachwerk half-timbered constructions, the construction technique most used by immigrants. This process, which often aims to preserve that material heritage, implies, however, the rupture of the architecture-place relationship, which makes such tourist-cultural spaces targets of criticism by preservationists. On the other hand, when investigating the origins of this way of building, it is clear that the possibility of disassembly and reassembly is part of the elementary principle of half-timbering, which has been explored for centuries. Thus, this qualitative study, of a bibliographic and documentary nature, seeks to promote this vernacular architecture, while valuing its memory and heritage, in addition to tensioning the process of translocation of this construction technique, which is still little investigated. It allows us to conclude that transfers are recommended as exceptional operations, prioritizing the safeguarding of the property in its original location. If, however, it is indeed unfeasible, maintaining its cultural significance, as well as documenting the entire process and methodological rigor, must be prioritized.

¹ O fim é o começo e o começo é o fim. O trecho faz referência à ciclicidade do tempo e, no caso das reconstruções em análise, como o conceito linear de início, meio e fim não encontra correspondência direta.

Este artigo é baseado em estudos das autoras que resultaram em 2023 na dissertação intitulada "Relação arquitetura-lugar sob a ótica dos translados e reconstruções de edificações: o caso do Centro Germânico Missioneiro RS". A estrutura da pesquisa, subdividida em três capítulos, busca discorrer sobre três momentos acerca do objeto de estudo: a musealização das edificações (das *Ende*, o fim), o processo de imigração e a construção das casas (der *Anfang*, o começo) e o processo central (der *Mittelteil*), os translados, apresentados como parte marcante desse ciclo.

Introdução

A imigração alemã para o Rio Grande do Sul (RS) teve início em 1824. Os primeiros assentamentos, denominados Colônias Antigas ou Velhas, foram instalados no vale do rio dos Sinos, constituindo núcleos de urbanização que se desenvolveram e hoje fazem parte ou estão adjacentes à região metropolitana de Porto Alegre. Já as Colônias Novas, aqui representadas pelos aglomerados localizados na região missioneira (Figura 1), são povoações que surgiram a partir do deslocamento de descendentes dos imigrantes em busca de terras virgens para cultivo em fins do Século XIX e primeiras décadas do Século XX. Tendo em vista as proles numerosas e a perda de produtividade das terras inicialmente exploradas, iniciou-se um movimento desbravador rumo às chamadas terras devolutas, num primeiro momento dentro do Estado e, num segundo estágio, avançando por outras unidades da Federação e para áreas além fronteiras vizinhas.



Figura 1. Região das Missões RS. Fonte: adaptado de SEPLAG/DEPLAN, 2010.

A região das Missões, que leva em sua denominação a referência a um período histórico marcante em sua cronologia, não se restringiu, entretanto, a uma única ocupação étnica. A formação da atual região passou por uma construção histórica marcada por indígenas Guaranis, Kaingangos e Charruas, experiências reducionais organizadas por padres jesuítas, através da Companhia de Jesus, disputas territoriais orquestradas por portugueses e espanhóis e, finalmente, após o término das Missões, pelo processo colonizador promovido por imigrantes europeus, essencialmente. A soma dessas contribuições definiu o quadro étnico-cultural da população atual (RAMOS, 2006). Considere-se, ainda, segundo Stello (2013), que, como num palimpsesto, todos esses contributos deixaram marcas sobrepostas umas as outras e, juntas, formam uma nova realidade: a paisagem cultural missioneira.

Este artigo é derivado de estudos de uma dissertação que tem por objeto de pesquisa o Centro Germânico Missioneiro. Aborda, desse modo, um recorte aqui dividido em três segmentos: a imigração alemã no RS com foco nas Colônias Novas; a arquitetura produzida por esses imigrantes, cujo enfoque, neste trabalho, será o enxaimel *Fachwerk*; e um processo bastante particular que envolve esta técnica construtiva tradicional, que são as recomposições (desmontagem e remontagem) das estruturas, prática explorada na contemporaneidade em museus ao ar livre. Com isso, pretende-se evidenciar uma arquitetura popular que passou a ser reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro apenas a partir da década de 1980 (CHUVA, 2009), quando, sob influência do conceito antropológico de cultura, *Patrimônio* deixou de se relacionar exclusivamente à chamada cultura erudita, passando a incorporar as manifestações populares e a cultura de massas, integrando aportes e segmentos sociais que até então se encontravam à margem da história e da cultura dominante (CASTRIOTA, 2009).

A imigração alemã no Brasil e a fundação de colônias no Rio Grande do Sul

Para se compreender as razões pelas quais muitos alemães deixaram sua pátria em busca de melhores condições de vida no Novo Mundo, é preciso depreender o panorama da recente modernidade europeia inserida no bojo de um período de profundas transformações sociais, econômicas, políticas e territoriais e, inclusive, a conjuntura brasileira nesse contexto. Segundo Rölke (2016), o maior combustível desse contingente de *refugos humanos* (BAUMAN, 2005) era o anseio de uma vida

digna, mas o motor da diáspora era mesmo a reorganização capitalística daquela nação, ainda não unificada, nas primeiras décadas do Século XIX, período em que chegaram ao Brasil as primeiras levas de imigrantes alemães.

Nesse sentido, Flores (2004) aponta causas *externas*, ligadas ao país de origem, e *internas*, relativas aos países receptores, que motivaram a decisão de emigrar. Quanto às primeiras, destacava-se uma estrutura social que mantinha esquemas feudais de servidão rural que praticamente não permitiam mobilidade social ou melhora na perspectiva de vida a quase $\frac{3}{4}$ da população europeia na época. Além disso, imperava um regime político-econômico que concedia a herança à propriedade apenas ao filho mais velho, denominada *morgadio*. Somavam-se a isso impostos abusivos, serviços militares para a defesa de cada uma das unidades administrativas, que podiam perdurar por anos, além de severos castigos físicos e sanções da Igreja, que estipulavam padrões de comportamento por meio de medidas normativas e coercitivas.

Além do mais, especialmente entre 1750 e 1850, ocorreu uma explosão demográfica cuja consequência foi a redução da oferta de trabalho para a população. Aliado a esse fator, o avanço da industrialização também provocou grande desemprego. Weimer (1983) destaca a chegada dos efeitos da Revolução Industrial ao campo no segundo quartel do Século XIX como uma das principais razões para a emigração. Nesse sentido, a região do Hunsrück, no sudoeste da Alemanha, atualmente correspondente ao estado da Renânia-Palatinado, economicamente agrícola e artesanal, foi uma das que mais sofreu com o processo de industrialização, originando-se aí a parcela mais significativa da corrente migratória para o Rio Grande do Sul (WEIMER, 1983).

Já as *causas internas* inserem-se num quadro político do governo brasileiro de incentivo ao alargamento das fronteiras político-econômicas, especialmente após a abertura dos portos ao comércio estrangeiro (FLORES, 2004). Ademais, acrescentava-se a ação de agentes de imigração, que realizavam a propaganda (por vezes ilusória) e a conexão entre os dois países, além da ação de particulares, com a criação de colônias não ligadas a iniciativas estatais (no caso gaúcho, de colônias alemãs a Norte e Noroeste e de colônias italianas a Norte e Nordeste). Por fim, a ação de parentes já emigrados também representava certo alento àqueles que, sem perspectivas para si e seus filhos, sem posição definida, nada tinham a perder e

arriscaram-se a emigrar (FLORES, 2004) rumo ao desconhecido.

Desse modo, até o princípio do Século XIX o povoamento brasileiro era constituído essencialmente por indígenas, colonos brancos, vindos espontaneamente ao País, em sua maioria portugueses, e por negros escravizados, trazidos à força. Havia estrangeiros nestas terras; não havia, porém, correntes imigratórias propriamente ditas, ou seja, oriundas de uma política intencional de governo (LANDO; BARROS, 1980). A partir desse período, contudo, tal panorama foi alterado, tendo início a história da imigração de europeus no Brasil. Inserida nesse contexto, a imigração alemã esteve intrinsecamente associada ao projeto do governo brasileiro de colonização do País, naquele momento voltado essencialmente ao abastecimento alimentar e à consolidação de fronteiras em regiões de baixa densidade populacional (SEYFERTH, 2016).

Outro motivo apontado ainda por alguns autores para o incentivo da imigração europeia, para além da questão do desenvolvimento da agricultura e da resolução da demanda de mão de obra livre, diz respeito à teoria de branqueamento da população para construção de uma raça histórica brasileira. Trata-se de um dogma racista baseado em pressupostos do darwinismo social influenciados também por teorias vinculadas ao arianismo. Em síntese, através da mistura, ou mestiçagem, entre imigrantes europeus (estariam excluídos desse processo todas as raças “não brancas”, como os asiáticos, por exemplo) e raças consideradas inferiores ou de cor poderia resultar a formação de um povo com fenótipo branco dentro de algumas gerações (SEYFERTH, 2016). Essas teorias, apesar de carentes de evidências científicas ou de coerência, imersas em preconceitos, atribuíam à parcela negra e mestiça, numericamente expressiva, o atraso do País.

Iniciado em 1818, o processo de introdução de imigrantes no país foi anterior à Independência, mas se limitou a experiências tidas como fracassadas no Sul da Bahia e em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro (SEYFERTH, 2016). Após a consolidação do Brasil como nação, o projeto foi retomado e, em 1824, houve a fundação da primeira colônia alemã no RS: a colônia de São Leopoldo (Figura 2), localizada na antiga fazenda imperial do Linho Cânhamo. Entre 1824 e 1830, entraram no País entre seis e sete mil imigrantes de estados alemães, em razão de iniciativas do governo imperial. Em 1830, em função da promulgação de um decreto proibindo despesas com colonização estrangeira e, posteriormente, em função do advento da

Das Ende ist der Anfang und der Anfang ist das Ende : arquitetura da imigração alemã no Rio Grande do Sul sob a ótica da recomposição de edificações enxaimel Fachwerk

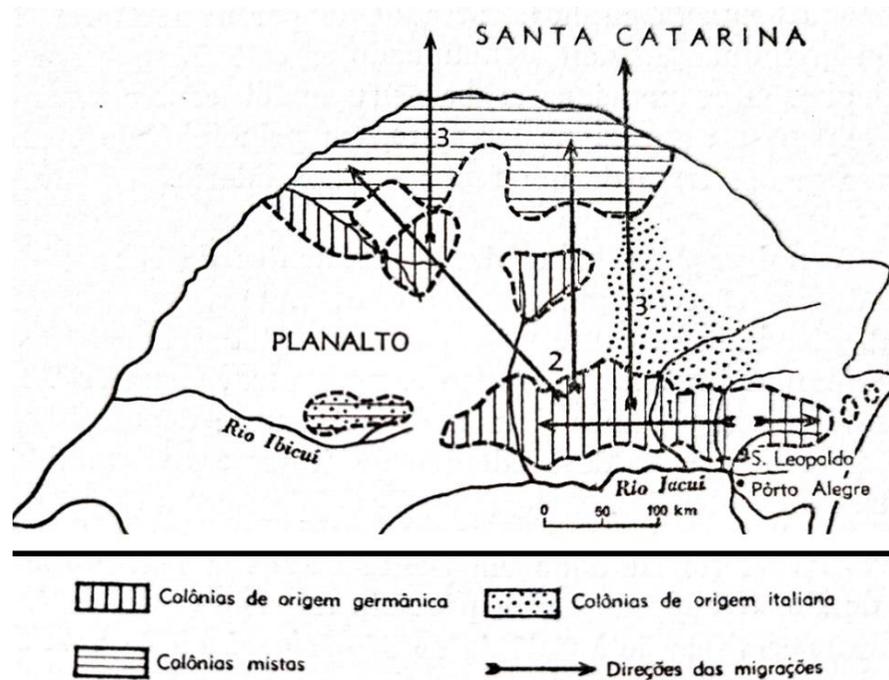


Figura 3. Fases e direções das migrações rurais. Fonte: Roche, 1969.

Enxaimel Fachwerk e recomposições

A arquitetura enxaimel (*Fachwerk* ou *Fachwerkbau*)⁴ designa uma construção formada por um tramado de peças aparelhadas de madeira que, dispostas em posições horizontais, verticais e inclinadas, compõem uma estrutura independente encaixada, cujos vazios resultantes denominados *tramos* (*Fach*), são posteriormente preenchidos com taipa, pedra, tijolos, entre outros (WEIMER, 1983). Segundo Gerner (2007), são construções-esqueleto (*Skelettkonstruktionen*) feitas de madeira, onde as cargas e forças são absorvidas pelo próprio madeiramento estrutural,

enquanto os painéis de fechamento completam o plano das paredes e protegem o ambiente das intempéries, sem, contudo, suportar cargas.

Esta técnica construtiva tradicional chegou ao Brasil por meio dos imigrantes alemães e nestas terras sofreu adaptações em função das diferenças climáticas, da disponibilidade de matéria prima e das limitações impostas pelo meio (FRANZEN, 2018). Historicamente, foi um sistema de construção atribuído aos povos germânicos e que se difundiu especialmente durante a Idade Média, porém, segundo Wittmann (2019), encontra raízes mais antigas, que remontam ao período Neolítico. Ao longo dos séculos, contudo, foi sofrendo reconfigurações, sobretudo em função de restrições à exploração da madeira. Nesse sentido, de acordo com Weimer (1983), houve uma sucessiva substituição das técnicas mais utilizadas, tendo em vista o consumo dessa matéria base, a exemplo do *blocausse*⁵, para o enxaimel e, posteriormente, para construções mistas, com bases em pedra.

Todavia, apesar da utilização do enxaimel decair consideravelmente entre os séculos XVIII e XIX, o uso dessa técnica construtiva nunca foi interrompido (WITTMANN, 2019). Assim, embora comumente seja veiculado que não era mais utilizada nos locais de origem dos imigrantes “[...] na época da emigração, no Palatinado, as casas de enxaimel haviam se tornado obsoletas, não por obsolescência da técnica, mas por falta de matéria-prima” (WEIMER, 1983, p. 45). Ainda assim, o enxaimel foi a técnica construtiva mais utilizada pelos colonizadores alemães no Brasil (VOLLES, 2022) e constitui um de seus principais legados, sendo possível encontrar exemplares autênticos no País, principalmente nos estados onde a imigração alemã foi mais expressiva: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo.

Embora frequentemente o enxaimel *Fachwerk* no Brasil seja associado exclusivamente ao período da colonização alemã (séculos XIX e XX), o uso dessa técnica construtiva tradicional não se limita a séculos passados. Hoje ainda se constrói enxaimel. De encontro a essa redescoberta, entretanto, proliferam, principalmente

⁴ Stocker Júnior (2022) afirma que o vocábulo *enxaimel* não necessariamente equivale à técnica construtiva aqui discutida (o *Fachwerk*), sendo, contudo, o *Fachwerk* um tipo específico de enxaimel. Dentro do repertório português, a expressão *enxaimel* é também utilizada referindo-se, de forma genérica, a estruturas arquitetônicas de madeira, não necessariamente rígidas ou independentes (STOCKER JÚNIOR; SIMÕES, 2021), como peças que compõem paredes de pau a pique, por exemplo. O uso do termo no presente trabalho refere-se ao primeiro caso.

⁵ Do alemão, *Block + Haus* ou *Blockbau* é uma construção com troncos roliços sobrepostos, falquejados nas faces opostas e encaixados nas extremidades (WEIMER, 1983). Segundo Gerner (2007), existem apenas três tipos diferentes de construção de paredes de madeira em todo o mundo: *Blockbau*, *Satbbau* e *Fachwerk*, que poderiam ser traduzidas como construção em bloco, construção em hastes e enxaimel, respectivamente. Todas as variações e combinações são baseadas em uma das três construções básicas, sendo a última o sistema que mais economiza madeira.

desde as últimas décadas do Século XX, no País, réplicas ou falsificações em fachadas através de apliques ou pinturas (HUYER, 2018) que buscam reproduzir apenas a estética da técnica, funcionando como uma espécie de adorno (SCHNEIDER, 2022) e negligenciando totalmente sua lógica estrutural. Obscurecem, contudo, a visão da estrutura histórica de enxaimel e, assim, prejudicam a ideia de proteção dos monumentos (GERNER, 1985a):

As imitações de enxaimel [...] devem ser rejeitadas de forma intransigente. Todas as imitações em enxaimel nada têm a ver com a estrutura construtiva das casas em enxaimel, mas servem a fins publicitários e decorativos numa nostalgia incompreendida. A tradição construtiva e artesanal “enxaimel” não é beneficiada com tais imitações, mas prejudicada, uma vez que a sensibilização da população é direcionada para o enxaimel de decoração e o enxaimel como estrutura de construção torna-se uma questão menor. Além disso, a “honestidade construtiva”, a representação natural de materiais, formas e funções, é ainda mais prejudicada (GERNER, 1985b, p. 111, tradução nossa).

Consoante Curtis (2003), o cuidado de deixar aflorada e valorizada a estrutura de madeira do enxaimel *Fachwerk* foi, dentre outros, um dos traços característicos que tornaram inconfundíveis áreas marcadas pela colonização alemã no Estado. Contudo, “apesar do inegável apelo visual, a estrutura de madeira é formulada com preocupações estáticas e não necessariamente estéticas” (STOCKER JÚNIOR, 2022, p. 5). Desse modo, cada peça apresenta uma função (Figura 4). Todo o conjunto é feito de madeira, não havendo, assim, interação entre diferentes materiais e os encaixes são enrijecidos com cavilhas ou tarugos (*Holznhgeln*, pregos de madeira). Some-se a isso que sua configuração voltada para o reparo (BECKMANN; SUTTHOFF, 2018), justamente pela composição com peças encaixadas, que permite correções parciais, com a possibilidade de substituição de elementos individuais danificados.



Figura 4. Princípio construtivo básico de estruturas enxaimel Fachwerk⁶ (KOTTJÉ, 2008).
Fonte: autora, 2022.

Usualmente a estrutura de madeira repousa sobre uma base elevada de pedra que objetiva afastar a umidade do solo, provável adaptação que surgiu a partir do contato com técnicas construtivas utilizadas pelos povos romanos. Inicialmente as hastes eram cravadas diretamente no solo, sem necessidade de contraventamento horizontal, porém, segundo Gerner (2007), após uma geração, ou cerca de trinta anos, no máximo, apodreciam e precisavam ser reconstruídas. Por essa razão, o edifício teve de ser erguido do solo, e, como forma de garantir a estabilidade estrutural, foram inseridas escoras inclinadas que caracterizam a triangulação do enxaimel *Fachwerk*, auxiliam na distribuição das cargas e no enrijecimento da estrutura. Weimer (2012) ilustra a solução (Figura 5) através da diferenciação entre o enxaimel português e o encontrado na Europa Central, localizados em área de menor e maior umidade, respectivamente:

⁶ Legenda: [azul] Baldrame (*Schwelle*, *Schwell* ou *Schwellbalken*): viga base da construção, transfere as cargas para as fundações; [verde] Esteio (*Stiel*, *Säule*, *Posten* ou *Ständer*): pilar, transfere as cargas verticalmente; [laranja] Frechal (*Rähm*): viga de coroamento, transfere as cargas do telhado e de entpisos aos esteios; [rosa] Barra/travessa (*Riegel*): enrijece a estrutura e auxilia na

distribuição de cargas horizontais além de subdividir os planos de fechamento, facilitando seu enchimento; [amarelo] Escora diagonal (*Strobe*): contraventamento que enrijece a estrutura e transmite rapidamente cargas dos ventos ou da própria estrutura para as fundações.

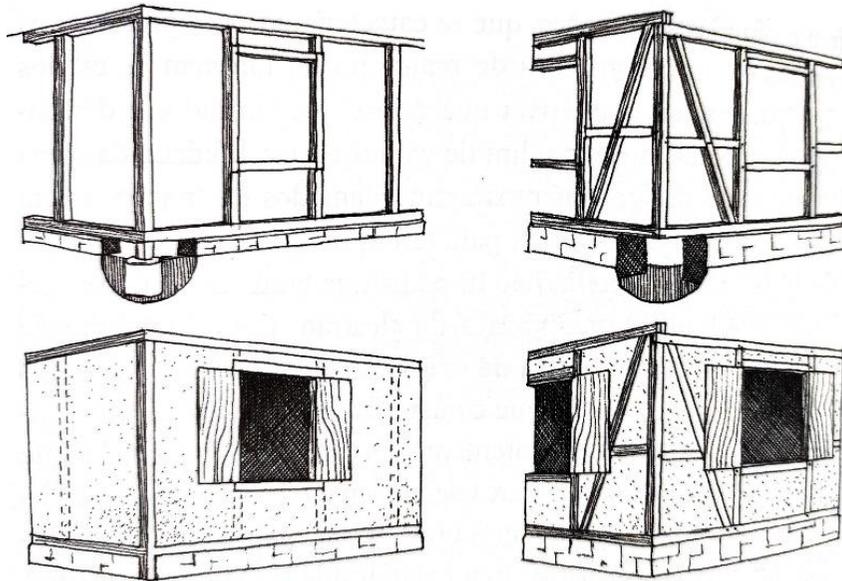


Figura 5. Diferenças entre o enxaimel português (à esquerda) e alemão (à direita): esteios principais prolongados e estrutura isolada do solo. Fonte: Weimer, 2012.

Seguindo a lógica construtiva da estrutura enxaimel, o telhado também é parte do conjunto, auxiliando no enrijecimento das paredes. Assim, geralmente a estruturação da cobertura se dá por caibros de dimensões avantajadas. Os espaçamentos reduzidos, em torno de um metro, são hiatos significativamente menores se comparados aos vãos usuais entre tesouras paladianas, por exemplo. Ademais, o encaixe de topo dessas peças, usualmente a 45°, gera menos desperdício de madeira. Em decorrência dessa configuração, resulta a volumetria marcante das coberturas de edificações com esta técnica construtiva. Por vezes, inclusive, essas inclinações acentuadas são associadas a referências ao clima europeu, porém se relacionam mais a este detalhe construtivo ou a um melhor aproveitamento do espaço resultante, com possibilidade de utilização como um cômodo habitável, do que a uma herança da geometria adotada em clima nival (ARAGÃO, 2017; VOLLES, 2022).

Após montada a estrutura enxaimel das paredes e do telhado, pode-se proceder ao fechamento dos vãos. A vedação dos tramos verticais são regional e temporalmente diferentes (KOTTJÉ, 2008), porém a mais difundida é a taipa de mão ou taipa de

sopapo (*Flechtwerkwände*), que consiste num entramado estruturante feito com galhos ou vime recoberto com uma mistura de barro. Na região missioneira, durante o período da colonização alemã, era usual o fechamento com alvenaria de tijolos maciços e argamassa a base de barro. A solução, popular também no norte da Alemanha (KOTTJÉ, 2008), possivelmente ganhou espaço nas Novas Colônias em função da maior durabilidade, se comparada à taipa de mão, somada à provável maior oferta do produto e facilidade de acesso naquele contexto em relação ao período inicial das Colônias Antigas.

Além das características acima descritas, é válido reiterar que o enxaimel *Fachwerk* se constitui como sistema pré-fabricado (VOLLES, 2022). No contexto da mata, era escolhida a espécie de madeira a ser utilizada e, ali mesmo, o fuste era beneficiado. Dos troncos roliços resultavam pilares e vigas que eram então encaixados e ajustados e, com as estruturas montadas (Figura 6), as peças eram numeradas (*Abbundzeichen*) usualmente na parte inferior ou no extremo esquerdo de cada elemento (Figura 7) com algarismos romanos ou variações desses. Após essa etapa, a estrutura era desmontada e transportada até o local escolhido para construção. Ali o quebra-cabeça era novamente remontado, seguindo a classificação já indicada (Figuras 8 e 9).



Figura 6. Etapa 1: fabricação das peças e montagem inicial.



Figura 7. Etapa 2: identificação das peças com números romanos ou variações. Orifícios receberão pregos de madeira.



Figura 9. Casa Assmann. Construção em enxaimel Fachwerk de 1929 localizada em Cerro Largo - RS. Fonte: autora, 2019.



Figura 8. Etapa 3: esqueleto estrutural finalizado, pronto para receber os fechamentos.
Figuras 6 a 8. Etapas de produção de uma construção enxaimel Fachwerk. Fonte: Paulo Volles, s.d.

Este sistema característico, segundo Volles (2022), é denominado *recomposição* e possibilita realocações das estruturas, ou seja, podem ser montadas e remontadas em outros locais. Gerner (1992, p. 172) assim descreve este esquema:

Todas as construções de madeira, feitas pelos carpinteiros, são basicamente fáceis de reparar, pois são fáceis de montar, semelhante a um sistema modular, mas também podem ser desmontadas e remontadas. Uma indicação clara disso é o fato de que, por exemplo, os edifícios em enxaimel são muitas vezes considerados como bens móveis e depois de anos, décadas ou séculos são desmontados no seu local original e reconstruídos noutro local. Ao desmontar e reconstruir, com algumas exceções, as conexões de madeira existentes podem ser afrouxadas e remontadas, pois é possível desmontar para trás na mesma ordem de antes. Ao substituir peças individuais de madeira, por exemplo, para fins de reparo, não se queria e não se podia desmontar completamente as construções e foram utilizados calços de madeira e conexões especiais. Os carpinteiros desenvolveram conexões de reparo para esses casos desde o início. O objetivo deste tipo de conexão de madeira era deixar e preservar o máximo possível da substância original e desmontar e perturbar o mínimo possível a estrutura geral (GERNER, 1992, p. 172, tradução nossa).

Das Ende ist der Anfang und der Anfang ist das Ende : arquitetura da imigração alemã no Rio Grande do Sul sob a ótica da recomposição de edificações enxaimel Fachwerk

Dessa forma, do ponto de vista estrutural, a lógica construtiva do enxaimel *Fachwerk* deve propiciar justamente que essas transferências sejam exequíveis e, portanto, fazem parte do princípio elementar desta técnica construtiva, tendo sido exploradas muito antes dos parques temáticos contemporâneos. Embora sejam desconhecidos registros na literatura nacional que façam referência à compra e venda de casas enxaimel com o intuito de reconstrução em outro sítio (WEIMER, 2012), a história oral mantém vivos relatos de casos ocorridos nas Antigas Colônias do RS⁷, comprovando que o recurso encontra raízes que remetem ainda ao Século XIX e, mais longinquamente, a práticas realizadas ainda no país de origem dos imigrantes.

Na Alemanha, por exemplo, transladar edificações enxaimel (*Fachwerkhaus translozierung*) corresponde a uma tradição centenária (FACHWERK.DE, 2022). A transferência de uma estrutura de sua localização original pode ser feita de diferentes formas, dependendo da construção e da condição do edifício (KAYSER; BÖTTGES, 2018). Segundo os autores, especialmente nos primeiros exemplos, era costume a desmontagem completa da estrutura, com posterior recomposição, semelhantemente aos casos gaúchos. Há também opções que consistem no içamento da estrutura, muitas vezes embaladas em espartilhos de aço e transportadas em carregadores. Geralmente são movidas apenas dentro de uma mesma propriedade. Os exemplos mais famosos são de recomposições para museus ao ar livre (*Freilichtmuseum*), porém há casos de adaptações de antigos prédios para novos usos, como residencial⁸, por exemplo.

Translados e os Parques Temáticos no RS

Os chamados parques temáticos apresentados a seguir (Figura 10) são atrativos turístico-culturais voltados à promoção da memória e, principalmente, do patrimônio material das comunidades teuto-brasileiras. No RS, a primeira iniciativa nesse sentido foi inaugurada em 1985, na região das Antigas Colônias alemãs no Estado: o Parque Aldeia do Imigrante, em Nova Petrópolis (Figura 11). Inspirado nesse, anos

mais tarde, em 2002, foi criado o Parque Histórico *Deutscher Kolonie Park*, em Lajeado (Figura 12). Ambos se valeram do traslado de edificações enxaimel *Fachwerk* das zonas rurais dos municípios para a ambientação dos espaços. Já em 2008, na cidade de São Pedro no Butiá, na região das Missões, foi inaugurado o Centro Germânico Missioneiro (Figura 13), nos mesmos moldes dos demais, porém, além da recomposição de duas edificações enxaimel, houve o traslado e a reconstrução de um prédio de alvenaria portante e a edificação de uma réplica de uma casa hoje centenária ainda existente na zona rural do município.

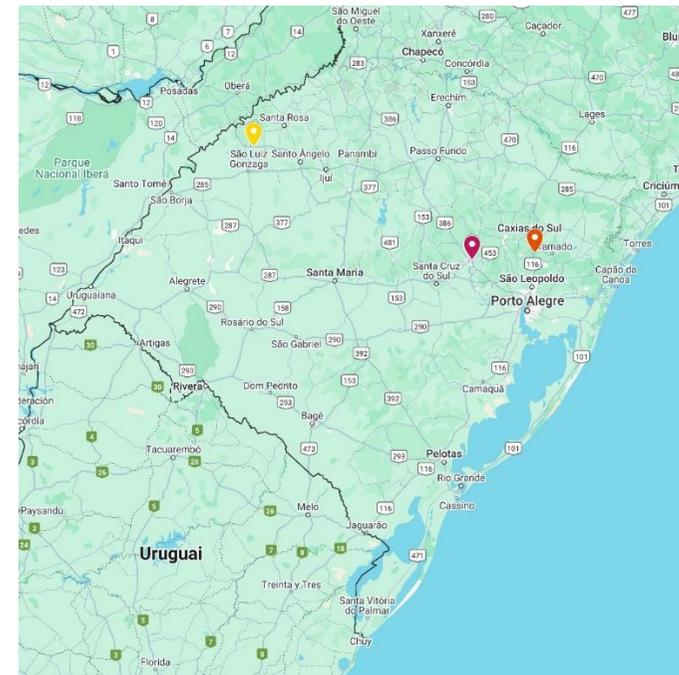


Figura 10. Parques temáticos vinculados à cultura alemã no RS. Marcador laranja: Parque Aldeia do Imigrante, em Nova Petrópolis; rosa: Parque Histórico *Deutscher Kolonie Park*, em Lajeado; amarelo: Centro Germânico Missioneiro, em São Pedro no Butiá. Fonte: autora, 2024.

⁷ Alguns casos foram inicialmente divulgados pelo pesquisador Udo Sarlet em suas redes sociais. As informações coletadas são relatos das famílias que buscam preservar as edificações e essas memórias. Mais detalhes podem ser consultados em: <<https://www.instagram.com/p/Canyp1dsHUS/>>; <<https://www.instagram.com/p/CW0XFRBLmT/>>; <<https://www.instagram.com/p/Ccorue5s237/>>.

⁸ Alguns exemplos podem ser encontrados em: <<https://r-schnittger.de/translozierung.html>>; <https://www.bauhandwerk.de/artikel/bhw_Altes_Haus_auf_neuem_Grund_1429263.html>; <<http://www.tisje.de/altb-wie.html>>.



Figura 11. Parque Aldeia do Imigrante, em Nova Petrópolis. Fonte: autora, 2022.



Figura 13. Centro Germânico Missioneiro visto da estátua de São Pedro. Da esquerda para a direita: Casa do Artesanato, Museu da Casa do Colono, *Gemeinschaftsschule* (escola comunitária) e Casa da Terceira Idade (em segundo plano). Fonte: autora, 2022.



Figura 12. Parque Histórico *Deutscher Kolonie Park*, em Lajeado. Fonte: Richter Gruppe, s/d.

Apesar de inusitados, translados de edificações não são incomuns na América Latina, a exemplo de transferências de casas de madeira transportadas inteiras em caminhões na região Sul do Brasil ou a venda de casas e sua travessia pelo mar, puxadas por barco de uma ilha a outra, em Chiloé, no arquipélago ao sul do Chile (MEIRA, 2019). Há registros, ainda, de operações de transferências na América do Norte e na Europa. Do ponto de vista técnico, deslocar patrimônios edificados, segundo Crăciunescu (2020), nunca foi um problema para a engenharia, visto que tecnicamente trata-se de algo alcançável, a exemplo do traslado de grandes construções principalmente nas três últimas décadas do Século XIX no Estados Unidos – embora sejam encontrados registros de operações desde o início do Século XVIII no país⁹. Para o autor, trata-se de uma questão de doutrina.

⁹ Em *Moving Historic Buildings*, Curtis (1979) registra a evolução dessa prática nos Estados Unidos

ao longo dos Séculos, as tecnologias envolvidas, as etapas da execução, além de casos icônicos.

A problemática que se estabelece em torno dos translados resulta da ruptura que estas transferências impõem à intrínseca relação da arquitetura com o lugar. Conforme Rivera Blanco (2002), à medida que se foi consolidando a teoria da restauração e da conservação do patrimônio cultural, tomou-se consciência da estreita relação entre monumento, sua localização original e sua configuração ambiental. O traslado pressupõe necessariamente alterar esse vínculo, esse equilíbrio, provocando o desenraizamento do bem cultural e modificando seus valores (GARCIA CUENTES, 2019). Nesse sentido, o entendimento hegemônico do campo da preservação de bens culturais, a exemplo de várias Cartas Patrimoniais, destaque para a de Veneza (1964), e de teóricos do campo da restauração, reforça a ideia de preservação *in situ* e recomenda que translados devam constituir operações excepcionais, executadas apenas após descartadas quaisquer outras hipóteses de salvaguarda do bem em seu sítio original.

A relação única e indissolúvel (BRANDI, 2019) que a arquitetura estabelece com o lugar, ou ainda a configuração que o homem imprime ao ambiente que nos rodeia, que retrata a imagem de uma sociedade, é expressa por meio de bens tangíveis e intangíveis (IPHAN, 1995). Juntos, a partir de elementos físicos e espirituais, de valores, de significados e de contextos, somados aos vários atores sociais, como profissionais, gestores e usuários, é que se constitui o chamado *espírito do lugar*, aquilo que dá sentido, emoção e mistério aos lugares (ICOMOS, 2008). Nos casos dos translados, embora seja possível a preservação material do bem, as demais relações que compõem e enriquecem o conjunto, a paisagem cultural, são perdidas. Em suma, criam-se ambiências ou cenários sem o qualitativo dos lugares originários.

Além da questão da ruptura da relação arquitetura-lugar, outra crítica destinada aos processos de translados corresponde à alteração (em maior ou menor grau) da substância dos bens no momento de reconstrução, o que traz implicações quanto a sua autenticidade e integridade. Para Brandi (2019), a alteração dos dados espaciais de um monumento pode invalidá-lo como obra de arte e a troca da matéria ou, ainda, reconstruções podem constituir falsificações históricas ou estéticas. Entretanto, essa visão de originalidade vinculada fortemente à matéria dos bens passou a ser questionada contemporaneamente. Para autores como Muñoz Vinãs (2004) e Stovel (2007), as referidas noções vinculam-se mais a valores e significados, sua

capacidade de transmitir, garantir ou sustentar sua importância no curso do tempo e menos a aspectos físicos, que passaram a ser considerados como suportes da capacidade simbólica.

Relacionando ambas as questões, autenticidade e (novo) lugar, a morfologia estabelecida nesses parques temáticos também é alvo de críticas pelos preservacionistas: alegam constituírem invenções, pois sua configuração espacial busca reproduzir aldeias alemãs, uma tipologia nunca implantada pelos imigrantes no Rio Grande do Sul. Isto pois, o arranjo mais usual da propriedade rural foi a demarcação de lotes ao longo de picadas, com casa e benfeitorias dispostas isoladamente em função do esquema de distribuição das terras escolhido pelos organizadores das colônias. Tal fato difere do aspecto urbano dos sítios alemães, pois mesmo localizados em zonas nitidamente rurais, voltados à produção agrícola, a população residia em aldeias. Segundo Weimer (1983), verifica-se, portanto, no contexto europeu, uma profunda integração entre o rural e o urbano, enquanto nas terras rio-grandenses se acentua o aspecto rural da ocupação do solo.

Nesse sentido, Meira (2019) afirma que esses parques temáticos são criações que simulam espaços felizes e floridos em localizações centrais das cidades. Romantizam o passado, idealizam e encenam paisagens irreais, o que pode ocasionar problemas didáticos aos visitantes no momento que veiculam que são reproduzidas (autênticas) formas de viver das gerações antecessoras. Ainda, as transferências não foram motivadas apenas como última hipótese de salvaguarda dos bens, como recomendado pelos diversos documentos do campo do Patrimônio, mas, sim, também com intuito de exploração turística. Na época, os translados foram evidenciados como alternativas à ameaça e ao desaparecimento das edificações, frequentemente encontradas em situação de abandono nas zonas rurais. Hoje, porém, despontam outras possibilidades, como o turismo rural e a valorização das paisagens culturais (MEIRA, 2019), que permitem a manutenção dos sítios originais.

A questão dos translados e as implicações decorrentes, abordadas a partir do estudo de caso do CGM, complexificam-se ainda mais no caso das recomposições das edificações enxaimel *Fachwerk*. A facilidade de desmontagem e remontagem proporcionada pelos encaixes permite - e deve permitir, sob o ponto de vista da técnica construtiva, como frisa Germer (1992)-, transferências de forma muito mais simples se comparadas a construções de alvenaria. O fato tem propiciado o que

Huyer (2018) descreveu como fenômeno de transplante de prédios de enxaimel de seus sítios originais para outras localidades, assim como ocorreu nos parques de Nova Petrópolis, Lajeado e São Pedro do Butiá. A possibilidade de transferência já havia sido explorada por imigrantes alemães e seus descendentes nas Antigas Colônias do Estado, como comprovam relatos mantidos vivos pela história oral e, inclusive, na Alemanha, tanto contemporaneamente quanto em outros períodos históricos. Entretanto, essas situações são muito diversas das atuais nesses espaços turístico-culturais.

No primeiro caso, as transferências ocorrem para realidades muito semelhantes, a exemplo da venda de edificações entre os próprios colonos. Crăciunescu (2020) menciona que, nessas situações, quando a mudança é feita como resultado da decisão do proprietário, não há grandes problemas sobre seus valores, principalmente sobre a autenticidade, pois, normalmente, essa decisão está relacionada a um apego profundo (psicológico, econômica ou mesmo por ambas as razões) do proprietário para o particular Patrimônio construído. Nessa situação, o dono fará o possível para manter o objeto o mais autêntico e intacto possível, enquanto o move como um todo ou por peças. Os maiores problemas podem provavelmente aparecer quando autoridades decidem que, por “interesses primordiais”, frequentemente políticos ou econômicos, a relocação do Patrimônio construído torna-se necessária como uma medida indispensável de salvamento – embora nem sempre seja.

Tendo em vista os aspectos acima elencados, de um modo geral, translados não são operações recomendadas por diversos documentos do campo do Patrimônio, a exemplo de muitas Cartas Patrimoniais. A Carta de Veneza (ICOMOS, 1964, art. 7º), por exemplo, afirma que o monumento é inseparável da história de que é testemunho e do meio em que se situa. Consequentemente, deslocar um monumento ou parte dele não deve ser tolerado, exceção apenas se a salvaguarda do monumento o exigir ou quando existirem razões de grande interesse nacional ou internacional como justificativa. O mesmo juízo é compartilhado na Carta do Restauro (MIP, 1972, art. 6º, 3) que proíbe, indistintamente, a remoção, reconstrução ou traslado para locais diversos dos originais, novamente, afora que isso seja determinado

por razões superiores de conservação.

A Recomendação de Nairóbi (ICOMOS, 1976) e a Carta de Brasília (IPHAN, 1995) abordam a relação sob o viés da ambiência e do entorno. A primeira desaprova isolar um monumento através da supressão de sua cercania, bem como deslocamentos. Já a segunda reitera a imprescindibilidade de equilíbrio entre edifício e entorno, tanto em paisagens urbanas quanto rurais, e afirma que sua ruptura seria um atentado contra a autenticidade. Além disso, a Carta de Brasília reforça a questão fundamental de conservação não apenas do suporte tangível, isto é, muito além do aspecto material, significado e mensagem cultural também são aspectos dos bens que devem ser preservados – e esse é o grande embargo que incide sobre a questão dos translados. Nesse sentido, recomenda considerar a globalidade do bem, o que inclui as atividades humanas, as construções, a estrutura espacial e as zonas circundantes (ICOMOS, 1976).

O conceito de lugar também é analisado na Carta de Burra (ICOMOS, 2013)¹⁰. A publicação original, seguindo as recomendações da Carta de Veneza, afirma que “[...] todo edifício ou qualquer outra obra devem ser mantidos em sua localização histórica. O deslocamento de uma edificação ou de qualquer outra obra, integralmente ou em parte, não pode ser admitido, a não ser que essa solução constitua o único meio de assegurar sua sobrevivência” (ICOMOS, 1979, p. 3). A revisão de 2013, especialmente o artigo 9º, que trata da localização, ampliou sua definição e entendimento: apesar de reforçar a ideia de que a localização física de um lugar compõe seu significado cultural e, portanto, um edifício, obra ou elemento deve permanecer em sua localização histórica, afirma que a realocação é *geralmente* (grifo nosso) inaceitável, exceto se esse é o único meio prático de garantir sua sobrevivência. Observa-se, assim, certa flexibilização. O ineditismo, todavia, está no artigo 9.2, que passou a englobar também arquiteturas com histórico de deslocamento ou recomposição:

Alguns edifícios, obras ou outros elementos de lugares foram projetados para serem facilmente removíveis ou já possuem um histórico de realocação. Desde que tais edifícios, obras ou elementos não tenham vínculos significativos com sua localização atual, remoção pode ser apropriada (ICOMOS, 2013, p. 5).

¹⁰ Publicada inicialmente em 1979 em Burra, no sul da Austrália, recebeu pequenas revisões em 1981 e 1988 e mudanças substanciais em 1999. Após revisão, esta versão foi adotada em 2013. É

valido reiterar, contudo, que a Carta de Burra não é adotada pelo ICOMOS Internacional. Foi formulada e discutida no Comitê Nacional do ICOMOS Austrália e por outras entidades anglófonas. Trata-se, porém de um documento de grande relevância entre o meio.

Em suma, apreende-se que o entendimento hegemônico das Cartas e de outros autores do campo recomenda a preservação *in situ*, pois consideram a arquitetura produto do lugar, compondo a paisagem cultural e o *genius loci*. Transladar, desse modo, apesar de preservar a materialidade, faz perder questões intangíveis envolvidas. Contudo, é válida ainda a consideração de Meira (2019) de que certos princípios das Cartas Patrimoniais devem ser analisados e aplicados criticamente em relação ao contexto de inserção – exemplifica a questão a partir do caso da *arquitetura viajante*¹¹ e sua prática vernacular em contextos latino americanos à luz do artigo 7º da Carta de Veneza. No caso em análise, os adendos à Carta de Burra revelam uma nova perspectiva dentro do campo que busca contemplar, dentro de seu rol de recomendações, peculiaridades, neste caso, de uma técnica construtiva tradicional. Este novo entendimento, mais abrangente, é mais um passo no avanço dessa discussão complexa, reforçando a noção de que o campo do Patrimônio não é estático.

Considerações Finais

Transferir edificações de um sítio para outro, embora algo inusitado, não é uma prática incomum no Sul do Brasil, sendo possível encontrar, inclusive, ações com princípios semelhantes em outros países e em distintos períodos históricos. A *práxis*, contudo, sob o respaldo de documentos internacionais do campo da preservação, a exemplo das Cartas Patrimoniais e de teorias basilares, não é recomendada, sendo reconhecida como aceitável apenas como última hipótese de salvaguarda e só após o descarte de outras opções que mantenham a edificação em seu sítio original. Isso, pois, translados representam o rompimento da relação entre arquitetura e lugar para qual a edificação foi concebida. Assim, além da ruptura das relações físicas e projetuais envolvidas, perdem-se aspectos imateriais, significados, valores, contextos, isto é, o *espírito do lugar*, conformado, indivisivelmente, por elementos tangíveis e intangíveis.

O estudo de caso aqui analisado, que parte da experiência do CGM, investigou os translados a partir dos parques temáticos, espaços turístico-culturais que buscam

promover o patrimônio cultural, nesse caso das contribuições missionárias e teuto-rio-grandenses na região. Mesmo que o intuito desses locais pregue justamente a preservação do Patrimônio, acabam banalizando o conceito, pois têm se proliferado irrefletidamente, sem avaliação de suas implicações - o que torna essencial a ponderação sobre esses espaços. Ademais, acabam detendo sua escala de preservação ao nível arquitetônico, priorizando a preservação de aspectos materiais em detrimento do conjunto, de valores, dos atores envolvidos. Por conseguinte, uma série de relações que enriquecem, dão sentido e compõem o espírito de um lugar são perdidas.

Em suma, no caso desses centros culturais, são criados cenários, novas ambiências, mas sem a qualificação dos lugares e das paisagens culturais originárias. Mesmo que tenha existido o intuito de preservação dessas edificações representativas da arquitetura vernácula, observaram-se negligências quanto à preservação de sua materialidade, aspecto diretamente associado à autenticidade de um bem. O processo de recomposição, a partir da desmontagem e remontagem, também gera questionamentos sobre o valor de integridade. De fato, durante o processo ocorreu a substituição da matéria primária, quer em função do mau estado de conservação, quer pela impossibilidade de reutilização causada por danificação durante o procedimento. Apesar de contemporaneamente esses entendimentos se deslocarem de noções materialistas a ideias subjetivas, enfocadas na transmissão e suporte dos valores e da capacidade simbólica, não se traduzem como salvos-condutos para alterações indiscriminadas da matéria. Afinal, integridade e autenticidade estão diretamente relacionadas à confiabilidade do Patrimônio e à atribuição de valores aos bens.

Outra crítica frequentemente lançada a esses espaços diz respeito à morfologia ali estabelecida, aspecto que vai ao encontro das questões acima apontadas. A partir da análise de Weimer (1983) sobre as usuais configurações espaciais das propriedades teuto-rio-grandenses versus os parques temáticos, são observadas divergências. A implantação criada nesses centros culturais, que retrata aldeias, em um contexto urbanizado, apesar de usual na Alemanha, não ocorreu no RS, pois nestas

¹¹ Prática vernácula comum na região Sul do Brasil que consiste no transporte de edificações de madeira, estruturalmente caracterizadas como gaiolas, em sua integridade de um sítio para outro, usualmente sobre caminhões.

terras era comum, em função do esquema distributivo da colonização, a organização das propriedades ao longo das picadas, cujo caráter era predominantemente rural. Alguns autores descrevem as organizações espaciais criadas como invenções tornadas mais aprazíveis para fins turísticos – o que representa risco potencial, do ponto de vista formativo do público, se negligenciado todo o contexto originário das edificações.

Sob o ponto de vista da técnica construtiva enxaimel *Fachwerk*, recompor e, consequentemente, transladar, faz parte de seu princípio construtivo. A facilidade de desmontagem e remontagem proporcionada pelos encaixes permite transferências, aspecto que já vinha sendo explorado por imigrantes alemães e seus descendentes nas Antigas Colônias do Estado, como comprovam relatos da história oral e, inclusive, na Alemanha, tanto contemporaneamente quanto em outros períodos históricos. Também propicia sua utilização para conformação dos parques temáticos, a partir dos chamados transplantes de prédios de enxaimel (Huyer, 2018). Entretanto, a utilização de tal procedimento nesses espaços turístico-culturais suscita debates muito mais complexos se comparada a situações de venda de edificações entre os próprios colonos.

No caso de translados para conformação de centros culturais, que englobam exploração turística e econômica, acredita-se que, primordialmente, deveria se ter pensado em soluções que preservassem as construções em seus lugares originais, experimentando, por exemplo, opções relacionadas ao turismo cultural rural. Caso a alternativa se revelasse inviável e, de fato, fosse comprovado que o traslado se configurava como a única forma de preservar esses bens, deveria ter-se documentado rigorosamente todo o processo, e esse deveria ter sido desenvolvido com retidão metodológica. Além disso, a documentação precisaria ser apresentada em contexto expográfico como parte importante do processo, deixando claro como eram as condições primárias, como aconteceram as transferências e o processo de reconstrução.

Nesse sentido, é notória a importância de um processo multidisciplinar que envolva a contribuição de olhares diversos. A Museologia, por exemplo, pode auxiliar o campo do Patrimônio por intermédio da identificação dos valores envolvidos na musealidade, na gestão dos bens e, sobretudo, na apresentação e comunicação desses objetos de museu, ou museálias.

Acredita-se que a maior contribuição desta pesquisa consiste na discussão salientada sobre as implicações que translados e reconstruções apresentam para o patrimônio cultural. Também se buscou evidenciar a formação étnica missioneira do RS para além do legado das Reduções Jesuítico-Guarani, demonstrando que a paisagem cultural das Missões é formada por diversas contribuições, inclusive alemãs. Esse grupo deixou marcas no território que ainda perduram, aqui retratadas com base na arquitetura vernácula em sua dúplici inserção: no campo material e imaterial, como saber. A questão parte do estudo de caso do CGM que, além da compilação das informações sobre este projeto recente, ainda pouco conhecido para além das adjacências, investiga a técnica construtiva enxaimel e seu princípio de recomposição.

Finalmente, a musealização e a patrimonialização, muitas vezes vistas como fim (*das Ende*), devem, na verdade, ser vistas como começos (*der Anfang*) que permitem novas perspectivas a partir da valoração e da ressignificação. De forma análoga, imigração e colonização podem ser vistas como (re)começos (*der Anfang*) e a criação do parque, um fim (*das Ende*) com intuito de promoção desse período e das contribuições culturais. Início e fim são conceitos que, embora de forma fluida, se aplicam também ao princípio de recomposição do enxaimel *Fachwerk*, que pode ser associado a um ciclo ou a um círculo (*Kreis*). No caso dos translados, não apenas início e fim têm importância, pois a parte central (*der Mittelteil*) também é relevante – tendo motivado, inclusive, o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

- ARAGÃO, Solange de. **Ensaio sobre a Casa Brasileira do Século XIX**. São Paulo: Blucher, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BECKMANN, Eva-Maria; SUTTHOFF, Ludger J. **Gebäude aus Fachwerk Konstruktion – Schäden – Instandsetzung**. Menschen: LVR-AMt für Denkmalpflege im Rheinland, 2018.
- BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. 4 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume, 2009.

CHUVA, Márcia. **Os Arquitetos da Memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CRĂCIUNESCU, Adrian. To Move and Reconstruct Monuments – Conflicts with Authenticity and Integrity. plural. **History. Culture. Society**. vol. 8, n. 1, 2020, p. 27-47. Disponível em: <https://plural.upsc.md/wp-content/uploads/2020/07/Adrian-Craciunescu.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2025.

CURTIS, John Obed. **Moving Historic Buildings**. US Department of the Interior, Heritage Conservation and Recreation Service, Technical Preservation Services Division, 1979.

CURTIS, Júlio Nicolau Barros de. **Vivências com a arquitetura tradicional do Brasil**: registros de uma experiência técnica e didática. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2003.

DIE Translozierung. **FACHWERK. DE**, 2022. Disponível em: <https://www.fachwerk.de/fachwerkhaus/sitemap/Translozierung.html>. Acesso em 7 ago. 2022.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

FRANZEN, Douglas Orestes; EIDT, Simone; TESSING, Daniele. A arquitetura enxaimel: identidade, memória e dimensão patrimonial em Itapiranga/SC. **Revista de Arquitetura IMED**, Passo Fundo, v. 7, n. 1, p. 5-27, out. 2018. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/arqimed/article/view/2558/1867>. Acesso em: 29 mai. 2025.

GARCÍA CUENTOS, Maria Pilar. Las primeras experiencias de desmonte y traslado de monumentos en Francia y España. Lecciones para el presente. **Revista Gremium**, vol. 6, n. 11, jan.-jul, p. 22-35. 2019. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/articulo.oa?id=684175708004>. Acesso em: 29 mai. 2025.

GERNER, Manfred. **Das Holzskelett des Fachwerks und seined Instandsetzung**. Arbeitsgruppe Bautechnik. Volume 4 de Arbeitsgemeinschaft Historische Fachwerkstädte in Hessen und Niedersachsen, Arbeitsgruppe Bautechnik. Das

Holzskelett des Fachwerks und seine Instandsetzung, 1985a.

GERNER, Manfred. **Fachwerk**. Entwicklung, Gefüge, Instandsetzung. 5 ed. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1985b.

GERNER, Manfred. **Fachwerk**. München: Deutsche Verlags-Anstalt, 2007.

GERNER, Manfred. **Handwerkliche Holzverbindungen der Zimmerer**. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1992.

HUYER, André. Os prédios em falso enxaimel e seus efeitos nefastos para a cultura. In: Isabel Cristina Arendt, Jorge Luiz da Cunha e Rodrigo Luis dos Santos. (Org.). **Migrações**: perspectivas e avanços teórico-metodológicos. São Leopoldo: Oikos, 2018, p. 306-321.

ICOMOS AUSTRALIA - International Council on Monuments and Sites: Australia. **The Burra Charter**: The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance. Burra, 19 abri. 1979. Disponível em: https://australia.icomos.org/wp-content/uploads/Burra-Charter_1979.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

ICOMOS - International Council on Monuments and Sites. 2nd International Congress of Architects and Technicians of Historic Monuments. **International Charter for the Conservation and Restoration of Monuments and Sites (The Venice Charter 1964)**. Veneza, 31 maio 1964. Disponível em: https://admin.icomos.org/wp-content/uploads/2025/03/Venice_Charter_PT.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. Comitê Internacional sobre Interpretação e Apresentação de Sítios de Patrimônio Cultural. 16ª Assembleia Geral. **Carta sobre a interpretação e a apresentação de sítios culturais**. Quebec, 04 out. 2008. Disponível em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/wp-content/uploads/2024/01/2008-declaracao_de_quebec_sobre_a_preservacao_do_espirito_do_lugar-icomos.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. 19ª Conferência Geral. **Recomendação sobre a salvaguarda dos conjuntos históricos e da sua função na vida contemporânea**. Nairóbi, 26 nov. 1976. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024.

ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. Carta de Brasília: **Documento Regional do Cone Sul sobre Autenticidade**. Brasília, dez. 1995. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20Brasilia%201995.pdf>. Acesso em 26 jan. 2023

KAYSER, Christian; BÖTTGES, Mark. Das Museum ist nicht das Ende: Zum statisch-konstruktiven Umgang mit translozierten Baudenkmalern. **Bautechnik**, v. 96, n. 1, p. 40-47, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1002/bate.201800088>. Acesso em: 29 mai. 2025.

KOTTJÉ, Johannes. **Neues Wohnen in alten Fachwerkhäusern**. München: Deutsche Verlags-Anstalt, 2008.

LANDO; BARROS. Capitalismo e Colonização: os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H., GONZAGA, Sergius (Org.) **RS: Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **Das pedras aos lambrequins**: a preservação do patrimônio arquitetônico e urbano no Rio Grande do Sul do Século XX. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2019.

LEDUR, Cláudia Inês. **Relação arquitetura-lugar sob a ótica das traduções e reconstruções de edificações**: o caso do Centro Germânico Missionário RS. 2023. 169 p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/262584>. Acesso em: 29 mai. 2025.

ITÁLIA. Ministério da Instrução Pública. **Carta do Restauo**: Circular nº 117. Roma, 06 abr. 1972. Disponível em: <https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20do%20Restauo%201972.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. **Teoria contemporanea de la restauración**. 1. ed. Madrid: Editorial Sintesis, 2004.

RAMOS, Antônio Dari. A Formação Histórica dos Municípios da Região das Missões do Brasil. In: **Levantamento de Elementos do Patrimônio Turístico-Cultural da Região Missioneira** (publicação on-line). Santo Ângelo: Instituto Andaluz del Patrimônio Histórico; IPHAN; URI Campus Santo Ângelo, 2006. Disponível em:

<https://www.academia.edu/44202326/>. Acesso em: 7 ago. 2022.

RIVERA BLANCO, J. Nuevas tendencias de la restauración monumental. De la Carta de Venecia a la Carta de Cracovia. In: **Actas del simposium A intervenção no patrimônio**: Priveraráticas de conservação e reabilitação. Porto: FEUP, 2002, p. 385-408.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. 2 v.

RÖLKE, Helmar. **Raízes da Imigração Alemã**: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SCHNEIDER, Samuel. **7 Fachwerkhaus Lektionen**. Disponível em: <https://baubeaver.de/fachwerkhaus/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SEYFERTH, Giralda. **Estudos sobre a Imigração Alemã no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

STELLO, Vladimir Fernando. **Além das Reduções**: a Paisagem Cultural da Região Missioneira. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/97863>. Acesso em: 29 mai. 2025.

STOCKER JUNIOR, J. L.; SIMOES, J. D. Patrimônio arquitetônico, técnicas construtivas tradicionais e diversidade cultural: o caso da residência Voges em Itati/RS. **MOUSEION** (UNILASALLE), v. 1, p. 1-13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18316/mouseion.v0i39.9059>. Acesso em: 29 mai. 2025.

STOCKER JÚNIOR, Jorge Luís. **Enxaimel / Fachwerk**: Técnica Construtiva. Novo Hamburgo, 2022 (Apostila).

STOVEL, Herb, 2007. Effective use of authenticity and integrity as world heritage qualifying conditions. **City & Times**, Vol. 2, n. 3, 2007. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/effective-use-of-authenticity-and-integrity-as-world-fw1gihn6bz.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2025.

VOLLES, Paulo. **Casas Enxaimel**. 2022. Disponível em: <https://casas enxaimel.com.br/sobre>. Acesso em: 7 ago. 2022.

WEIMER, Günter. **Arquitetura da Imigração alemã**: um estudo sobre a adaptação centro-europeia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1983.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WITTMANN, Angelina C. R. **Fachwerk**: a técnica construtiva enxaimel. Blumenau: AmoLer Editora, 2019.